

TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 1031

**JOVENS E IDOSOS NORDESTINOS:
EXEMPLOS DE TROCAS
INTERGERACIONAIS?**

Ana Amélia Camarano

Rio de Janeiro, julho de 2004

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 1031

JOVENS E IDOSOS NORDESTINOS: EXEMPLOS DE TROCAS INTERGERACIONAIS?*

Ana Amélia Camarano**

Rio de Janeiro, julho de 2004

* A autora agradece a Solange Kanso e Gustavo Costa por todo o trabalho de processamento de dados e a Alexandre Marinho e Juliana Leitão e Mello pelos comentários ao texto.

** Da Diretoria de Estudos Macroeconômicos do IPEA.
aac@ipea.gov.br

Governo Federal

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Ministro – Guido Mantega

Secretário Executivo – Nelson Machado



Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o IPEA fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais, possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro, e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Glauco Arbix

Diretora de Estudos Sociais

Anna Maria T. Medeiros Peliano

Diretor de Administração e Finanças

Celso dos Santos Fonseca

Diretor de Cooperação e Desenvolvimento

Luiz Henrique Proença Soares

Diretor de Estudos Regionais e Urbanos

Marcelo Piancastelli de Siqueira

Diretor de Estudos Setoriais

Mario Sergio Salerno

Diretor de Estudos Macroeconômicos

Paulo Mansur Levy

Chefe de Gabinete

Persio Marco Antonio Davison

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Uma publicação que tem o objetivo de divulgar resultados de estudos desenvolvidos, direta ou indiretamente, pelo IPEA e trabalhos que, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Assessor-Chefe de Comunicação

Murilo Lôbo

Secretário-Executivo do Comitê Editorial

Marco Aurélio Dias Pires

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

INTRODUÇÃO 1

2 O QUE É A CRISE DOS JOVENS E A DO ENVELHECIMENTO? 3

3 OS JOVENS E OS IDOSOS NORDESTINOS: QUANTOS SÃO E COMO SÃO? 5

4 OS JOVENS E OS IDOSOS NORDESTINOS: O QUE FAZEM E COMO VIVEM? 10

5 CONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIA 17

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 21

BIBLIOGRAFIA 23

SINOPSE

O trabalho analisa as condições dos jovens e dos idosos nordestinos, tendo como pano de fundo a experiência da trajetória de vida estável dos idosos em relação à instabilidade da condição juvenil. Isso se dá, em especial, com relação a sua inserção no mercado de trabalho e constituição de suas famílias. Foram utilizados, principalmente, os dados do Censo Demográfico de 2000.

O trabalho discute o que se entende por crise dos jovens e do envelhecimento, caracteriza os jovens e idosos nordestinos do ponto de vista demográfico, composição e dinâmica, e de suas atividades. Além disso, analisa o processo de constituição de suas famílias, assumindo que ter a sua própria família é uma das condições definidoras importantes da vida adulta.

Constatou-se que os jovens nordestinos vivem em piores condições de vida do que os idosos. Esses parecem estar desempenhando importante papel de suporte na estrutura familiar, em especial aos jovens. Parcela expressiva das famílias é composta por três gerações, chefiadas por idosos e com expressiva contribuição de sua renda nos orçamentos familiares.

ABSTRACT

The paper analyses the Northeastern youth and elderly life conditions. It considers as a background the stable life trajectory experienced by the elderly in their prime comparable to the instable one that the youth are experiencing nowadays. This consideration takes into account their participation in the labour market and their family constitution process. The main used data are those from the Demographic Census of 2000.

The paper discusses what is understood for the youth and the elderly crisis, describes their demographic and socio-economic situation. Moreover, it analyses the process of family constitution assuming that to have their own family is an important condition for being in adult life.

The main conclusion is that the elderly population is better off than the youth ones. Elderly are playing an important role of family support. This has benefited more the youth ones. A significant proportion of the Northeastern families are composed for three generations headed by the elderly. The contribution of the elderly in their family income is quite marked.

1 INTRODUÇÃO

O interesse em estudar a situação e a evolução demográfica dos jovens e idosos nordestinos se dá, em primeiro lugar, pela magnitude de sua população. Está se falando de 10,2 milhões de nordestinos que tinham de 15 a 24 anos¹ segundo o Censo Demográfico de 2000 e de 4 milhões de pessoas que tinham 60 anos ou mais de idade. Os dois segmentos são responsáveis por aproximadamente 30% da população da região Nordeste.

Em segundo, por se considerar que ambos os segmentos podem estar vivendo momentos de fragilidade/vulnerabilidade. Os jovens buscam a transição entre a infância e a vida adulta, e os idosos estão vivendo a última etapa da vida. Ambas as fases são carregadas de estereótipos. Fala-se tanto da “crise dos jovens” quanto da “do envelhecimento”. Os jovens são associados à marginalização e à criminalidade ao “não querer nada com a vida”, e os idosos são, em geral, vistos como indivíduos com alto nível de dependência e vulnerabilidade, em processo de perda de papéis sociais (saída do mercado de trabalho, aposentadoria etc.), como portadores de doenças crônico-degenerativas, com mudanças na aparência física e ganhos de outros papéis (ser avós). São considerados como grandes consumidores de recursos públicos.

Existe algo de verdade nessas generalizações. Entre os jovens, encontram-se as mais elevadas taxas de desemprego, a maior proporção de “pobres” e a mais alta taxa de óbitos por homicídios. Uma parcela não-desprezível da população idosa experimenta altos níveis de vulnerabilidade e dependência, principalmente perda de autonomia física, o que acarreta perda da capacidade laborativa.

Mas existe, também, um outro lado nessa questão. Uma parcela de jovens busca novas e positivas soluções no seu processo de transição para a vida adulta. O desenvolvimento acelerado do mundo das informações privilegia a juventude como um dos seus principais atores e fomentadores das inovações. Por exemplo, os jovens de hoje beneficiaram-se da ampliação da cobertura dos serviços educacionais, experimentando, portanto, uma escolaridade mais elevada. Cresceram com o desenvolvimento da microeletrônica, da informatização e foram se adaptando com mais facilidade às mudanças delas decorrentes. As novas tecnologias, ao mesmo tempo em que os excluem do mercado de trabalho, abrem-lhes novas portas com a democratização e uma generalização do conhecimento nas suas várias esferas. A maior propensão a mudanças por parte desse segmento também se traduz em probabilidades de migração elevadas comparadas a outros grupos etários.

Há não muito tempo, o envelhecimento trazia para a população idosa pobreza e isolamento da esfera social. A grande mudança dos últimos 20 anos é que o final da vida ativa não mais significa necessariamente isso. Para uma grande maioria de pessoas pode significar uma nova fase no ciclo de vida. Laslett (1996) a denomina “fase do preenchimento”. A universalização da Seguridade Social, a queda da mortalidade e a melhoria das condições de saúde trouxeram uma reconceituação do curso da vida. A última fase da vida deixou de ser residual, vivenciada por uma

1. A primeira dificuldade enfrentada neste trabalho é com a definição de jovens e idosos. Para uma discussão sobre isso, ver Camarano (1999) e Mello *et alii* (2004).

minoría, para ser uma fase de duração até maior do que a infância e a adolescência [Camarano (2003)].

Os idosos de hoje estão assumindo papéis não-esperados nem pela literatura nem pelas políticas públicas [Camarano e El Ghaouri (1999) e Camarano (2003)], estão se tornando importantes agentes de mudança social. Tal movimento tem afetado todas as idades e ambos os sexos [Díaz (2000)]. Por exemplo, algumas pessoas idosas estão contribuindo econômica e socialmente mais do que em qualquer outro momento de suas vidas: trabalham, chefiam famílias, recebem filhos adultos e netos em casa, cuidam de netos etc. Cresce a co-residência de famílias de três gerações. Para as idosas de hoje, o envelhecer trouxe independência, liberdade e realização [Debert (1999) e Camarano (2003)].

Debert (1997, p. 141), por exemplo, mostra que o idoso, especialmente a partir da década de 1980, tornou-se um ator político cada vez mais atuante na sociedade brasileira, ocupou espaço na mídia e ganhou a atenção da indústria do consumo, do lazer e do turismo, o que não corresponde a uma idéia da terceira idade como uma fase em que os indivíduos estão excluídos da vida pública

É comum se considerar os jovens como os agentes de mudança social e os idosos mais apegados às tradições e, com isso, mais estáticos. É comum, em qualquer sociedade, enxergar os jovens como a representação do novo, como uma fonte importante de transformações sociais. Foi visto que as mulheres idosas de hoje estão se transformando em agentes de mudanças sociais. A mulher brasileira, mesmo idosa, continua desempenhando o seu papel de cuidadora e assumindo o de provedora e de chefe de família [Camarano (2003)].

O ponto em comum nessas duas visões é que eles caracterizam a juventude e a velhice como uma experiência comum e homogênea para todos os grupos. Uma visão mais balanceada considera essas duas fases da vida como compostas de experiências complexas e heterogêneas, caracterizadas tanto por vulnerabilidade quanto por potencialidades.

O trabalho visa estudar o segmento populacional que procura entrar na vida adulta e o que está saindo dela. Assume-se que ambas as fases da vida estão se prolongando. O estudo começa com a discussão sobre o que se considera a crise dos jovens e do envelhecimento (Seção 2). A partir daí, busca-se, nas Seções 3 e 4 caracterizar os jovens e idosos nordestinos do ponto de vista demográfico, composição e dinâmica, e de suas atividades (estuda, trabalha e é aposentado). Assumindo que ter a sua própria família é uma das condições que definem a vida adulta, a Seção 5 analisa o processo de constituição e inserção familiar dos jovens e idosos. Finalmente, a Seção 6 apresenta um breve sumário dos resultados.

Embora se reconheçam as dificuldades de se definir a população jovem e idosa, está se considerando como jovem a população de 15 a 24 anos e como idosa a de 60 anos e mais. Os dados utilizados são, principalmente, os do Censo Demográfico de 2000.

2 O QUE É A CRISE DOS JOVENS E A DO ENVELHECIMENTO?

2.1 A CRISE DOS JOVENS

A percepção da crise dos jovens se dá pelo fato de que, enquanto eles representavam 21,4% da população nordestina em 2000, eram responsáveis por 49,2% do total de desempregados da região e por 47,8% dos pobres² — 25,4% não trabalhavam e nem estudavam e 64% não tinham rendimentos (Tabela 3).

Do total de óbitos por homicídios ocorridos em 2000, 36,1% atingiram a população masculina de 15 a 24 anos. Isso levou a que 3,1% homens de 15 anos não completassem o seu 25^o aniversário devido a esse tipo de causa de morte, ou seja, não se tornarão os velhos de amanhã.

Paralela e provavelmente como resultado desse processo, esse subgrupo populacional está adiando o momento de saída da casa dos pais, muitas vezes idosos. Além de esses jovens estarem experimentando dificuldades na sua inserção no mercado de trabalho, estão experimentando, também, um grau de instabilidade elevado nas suas relações afetivas — casamento, co-habitação, separação, divórcios etc. (6,5% das mulheres jovens já eram separadas). A proporção comparável para homens foi de 3,0%.

Uma proporção elevada de jovens de 15 a 19 anos (16,6%), tinha tido filhos em 2000, provavelmente como uma forma de inserção no mundo adulto. Aproximadamente 26% delas continuaram residindo no domicílio de seus pais, na condição de filhas, e 11% vivem nos domicílios chefiados por avós.

Por outro lado, 57,3% dos jovens com idades entre 20 e 24 anos tinham completado oito anos ou mais de estudo em 2000. Estes representavam 36,6% da população nordestina com tal nível de escolaridade, ou seja, estão super-representados dentro do grupo populacional que apresenta níveis de escolaridade mais elevados.

2.2 A CRISE DO ENVELHECIMENTO

A constatação do envelhecimento populacional tem levado a preocupações com a “crise do envelhecimento”. Em geral supõe-se que o peso crescente de uma população considerada “dependente” e os custos de sustentá-la podem afetar o desenvolvimento econômico. Essa visão parte do princípio de que a população idosa é dependente e vulnerável em relação às suas capacidades para lidar com as atividades cotidianas e do trabalho. Ela associa a última fase da vida com a saída da atividade econômica, com níveis crescentes de morbidade devido a doenças crônico-degenerativas, com mudanças na aparência física, com perda de papéis sociais, de autonomia para lidar com as atividades do cotidiano etc.

De fato, em 1998, 7% dos idosos nordestinos não eram capazes de lidar com as suas atividades do cotidiano, tais como comer e/ou ir ao banheiro sozinhos. De acordo com o Censo Demográfico de 2000, 74% não participavam no mercado de trabalho, 9,5% não tinham renda, 82,9% recebiam benefícios da Seguridade Social,

2. Aqui definida como a população que tem uma renda mensal média inferior a 1/2 salário mínimo.

8,1% moravam na casa de filhos ou genros e 4,5% na de outros parentes. Esse último tipo de “dependência” afeta mais as mulheres.

De acordo com as informações do Datasus,³ enquanto a população idosa era responsável por 8,4% da população regional, cerca de 20% dos gastos com saúde feitos pela Rede SUS na região Nordeste foram dirigidos a ela. Os idosos nordestinos recebem 31,6% dos recursos do Ministério da Previdência Social alocados para o pagamento dos benefícios da assistência social.⁴

Salienta-se que os determinantes dos custos com saúde vão além dos fatores puramente demográficos. Os custos de se financiar uma população idosa com uma alta incidência de doenças crônico-degenerativas serão muito maiores do que os de financiar uma população idosa ativa e saudável. Quer dizer, a forma como os serviços de saúde são organizados em uma sociedade é um determinante importante desses custos [Lloyd-Sherlock (2002)].

Além disso, ressalta-se que os gastos do Sistema Único de Saúde (SUS) não compreendem a totalidade dos gastos governamentais com saúde. Eles não compreendem os gastos privados, incluindo aí os dos empregadores, os impactos sobre os diversos segmentos populacionais das transferências governamentais (inclusive de estados e municípios) em saúde nem das diversas renúncias fiscais. Esses pontos levam a se inferir pela dificuldade de se concluir que a saúde dos idosos “custa” mais do que a de outros grupos etários.⁵

Por outro lado, reconhece-se que a associação entre envelhecimento e dependência é uma visão estática que ignora os grandes avanços tecnológicos, principalmente na medicina, e a ampliação da cobertura dos serviços de saúde e da Seguridade Social. Tudo isso, embora em graus diferenciados, tem beneficiado uma parcela expressiva da população idosa. Com base nesses ganhos, outro ponto de vista considera que as pessoas idosas podem contribuir significativamente para o desenvolvimento econômico e social. “Muitas pessoas idosas são uma fonte viva de recursos e contribuem para o bem-estar das suas famílias e comunidades” [Help Age Internacional (1999)]. Por contribuição advinda da população idosa, entende-se a continuação na atividade econômica, a contribuição no orçamento familiar, a provisão de acomodação, o cuidado com netos etc.

No Brasil, os idosos de hoje experimentaram grande parte de sua vida ativa num momento mais favorável da economia, o que lhes permitiu um emprego estável ao longo da sua vida ativa e a compra da casa própria. Isso, aliado à expansão da cobertura da Seguridade Social, levou a que 78,4% dos idosos nordestinos recebessem mensalmente, em 2000, pelo menos 1 salário mínimo. A proporção comparável para a população jovem foi de 18,6% e para a adulta, de 46,1% — 27,1% dos domicílios nordestinos eram chefiados por idosos em 2000 e 40,1% tinham jovens morando juntos. Nestes, a contribuição da renda do idoso para o orçamento familiar é sete vezes maior do que a do jovem.

3. Ver www.datasus.saude.gov.br.

4. Ver www.mpas.gov.br.

5. Na verdade, estudo dos custos médios de procedimentos hospitalares por idade mostra que estes crescem até os 60 anos e decrescem a partir dessa idade [ver Nunes (1999)].

Sintetizando, pode-se dizer que parte do contingente idoso apresenta taxas elevadas de vulnerabilidade e dependência e parte está desempenhando um papel importante na família e na sociedade, ou seja, pode-se dizer que esse é um segmento formado por “dependentes” e provedores. O mesmo está acontecendo com a população jovem. A família, como uma das principais instituições de suporte para os grupos vulneráveis, tem unido os dois segmentos.

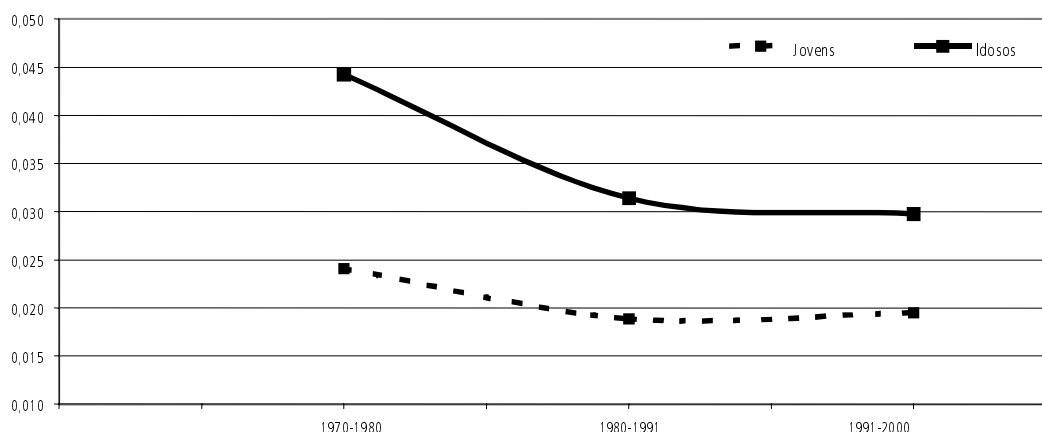
3 OS JOVENS E OS IDOSOS NORDESTINOS: QUANTOS SÃO E COMO SÃO?

3.1 QUANTOS SÃO?

Como já se mencionou, o Censo Demográfico de 2000 encontrou aproximadamente 10 milhões de nordestinos com 15 a 24 anos e outros 4 milhões com 60 anos ou mais de idade. O contingente atual de jovens e idosos é resultado de uma dinâmica demográfica que, como salientado por Bercovich e Madeira (1990) para o caso brasileiro, acontece de forma ondular em função dos tamanhos diferenciados de coortes. Atualmente, esse movimento ondular é mais evidente para a população jovem.

O Gráfico 1 apresenta as taxas de crescimento anuais da população jovem e da idosa referentes às décadas compreendidas entre 1970 e 2000. Como se pode perceber, ambos os subgrupos populacionais experimentaram taxas de crescimento decrescentes no período considerado. No caso da população jovem, não obstante a queda da fecundidade em curso na região, observa-se uma ligeira ascensão nesse indicador na última década. Isso se verifica, principalmente, em função de a queda da fecundidade estar ocorrendo paralelamente a um ainda expressivo contingente de mulheres em idade reprodutiva. É possível que a população idosa venha a apresentar um aumento nas suas taxas de crescimento já nesta década, resultado da queda da mortalidade e da alta fecundidade observada na região no período 1950-1970.

GRÁFICO 1
NORDESTE: TAXAS DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA E DA JOVEM — 1980 A 2000

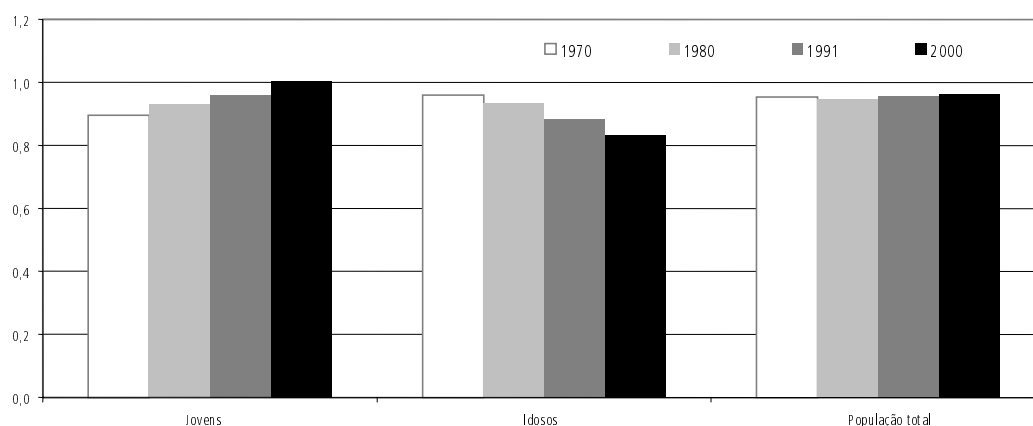


Fonte: IBGE/Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

3.2 COMPOSIÇÃO DOS SEGMENTOS JOVEM E IDOSO

Cinco são os atributos da população jovem e da idosa que serão considerados a seguir: sexo, idade, *status* migratório, cor e estado conjugal. A razão de sexos está mostrada no Gráfico 2. Ela compara o total de homens ao de mulheres em um dado momento de tempo. O comportamento da razão relativa à população jovem tem sido crescente ao longo do tempo e em 2000 atingiu valores próximos a um. Até 1980, essa razão foi mais baixa do que a da população total; mostra que as mulheres predominavam entre o contingente jovem, mas esse predomínio decresceu ao longo do tempo. Pode-se dizer que, em 2000, a composição por sexo da população jovem foi bastante homogênea.

GRÁFICO 2
NORDESTE: RAZÃO DE SEXOS — 1970, 1980, 1991 E 2000



Fonte: IBGE/ Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

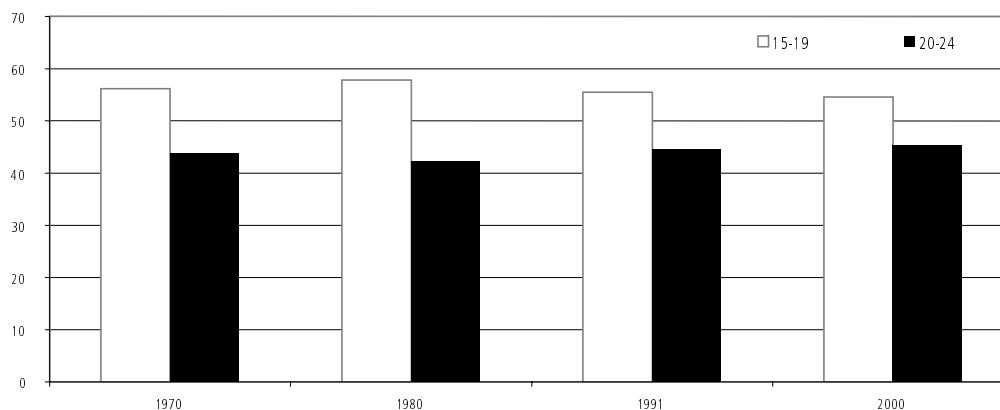
O inverso ocorreu com a população idosa. A razão de sexos decresceu ao longo do tempo, o que deve estar associado ao próprio envelhecimento do segmento idoso. A predominância da população feminina entre os idosos é comprovada internacionalmente e é maior nos países desenvolvidos [Camarano (2003)].

De acordo com Lloyd-Sherlock (2002), mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, ela possui um forte componente de gênero. Por exemplo, mulheres idosas experimentam maior probabilidade de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desvantajosa. Além disso, embora as mulheres vivam mais do que os homens, elas passam por um período maior de debilitação biológica antes da morte do que eles [Nogales (1998)]. Por outro, são elas mais do que os homens que participam de atividades extradomésticas, de organizações e movimentos de mulheres, fazem cursos especiais, viagens e mesmo trabalho remunerado temporário. Já homens mais velhos têm maiores dificuldades de se adaptar à saída do mercado de trabalho [Goldani (1999)].

Uma outra característica considerada é a distribuição etária dentro dos contingentes populacionais de jovens e idosos. Como já salientado, os subgrupos estudados são bastante heterogêneos. No caso de jovens, espera-se que parte do contingente ainda frequente a escola, esteja morando com os pais e outra parte já

esteja engajada no mercado de trabalho e com a família constituída. Idade é uma das variáveis determinantes desses processos. O Gráfico 3 mostra a distribuição por idade do grupo de jovens. Observa-se que, nesse caso, a idade não afeta muito a distribuição populacional. Tampouco essa distribuição foi grandemente afetada ao longo do tempo.

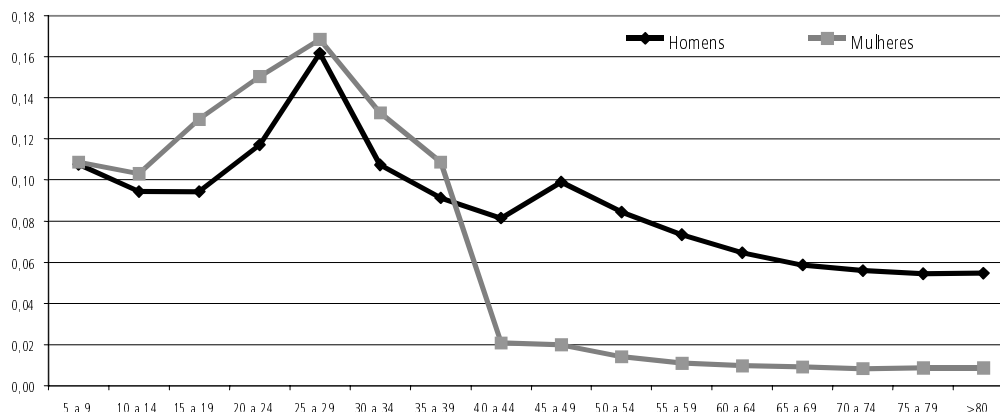
GRÁFICO 3
NORDESTE: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL POR GRUPOS DE IDADE DO CONTINGENTE JOVEM — 1970, 1980, 1991 E 2000



Fonte: IBGE/Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

Um dos componentes do crescimento populacional do grupo de jovens é o migratório. Dos 10,2 milhões de jovens nordestinos, aproximadamente 12% haviam feito um deslocamento intermunicipal entre 1995 e 2000. Essa proporção é relativamente mais elevada que a média da população regional, sugerindo que os jovens têm uma propensão mais elevada de migrar do que os demais grupos. O Gráfico 4 apresenta as proporções dos migrantes do período 1995-2000 por sexo e grupos de idade. Tanto entre homens quanto entre as mulheres, as mais elevadas proporções de migrantes são observadas no grupo de 20 a 29 anos. Entre os idosos, observam-se as mais baixas proporções, especialmente entre as mulheres. Os homens migram mais que as mulheres no conjunto da população, mas o inverso se verifica quando só a população jovem é considerada.

GRÁFICO 4
NORDESTE: PROPORÇÃO DE MIGRANTES INTERMUNICIPAIS POR SEXO E GRUPOS DE IDADE — 2000



Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

A Tabela 1 apresenta a distribuição de cerca de 1,4 milhão de migrantes nordestinos pelo tipo de movimento inter ou intra-regional. Aproximadamente 60% dos jovens que migraram o fizeram dentro da própria região, proporção essa mais elevada entre os homens de 20 a 24 anos. Um terço do fluxo considerado é formado por pessoas que não moravam na região em 1995, ou seja, são imigrantes inter-regionais. Isso significa quase 5% da população jovem nordestina. Do total do fluxo, 10% são formados por nordestinos que moravam fora da região em 2000, ou seja, por emigrantes. Os jovens nordestinos estavam também super-representados no total de emigrantes. O saldo regional entre entradas e saídas de jovens é positivo, ou seja, entram mais jovens do que saem.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DO FLUXO MIGRATÓRIO NORDESTINO JOVEM POR TIPO
DE MOVIMENTO — 1995-2000
[em %]

Tipo de movimento	Homens			Mulheres			Total
	15-19	20-24	Total	15-19	20-24	Total	
Movimentos intra-regionais	58,1	64,6	61,2	59,8	53,9	56,5	58,5
Imigrantes Inter-regionais	31,6	24,1	28,0	36,8	37,7	37,3	33,4
Emigrantes	10,3	11,3	10,8	10,2	8,4	9,2	9,9

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

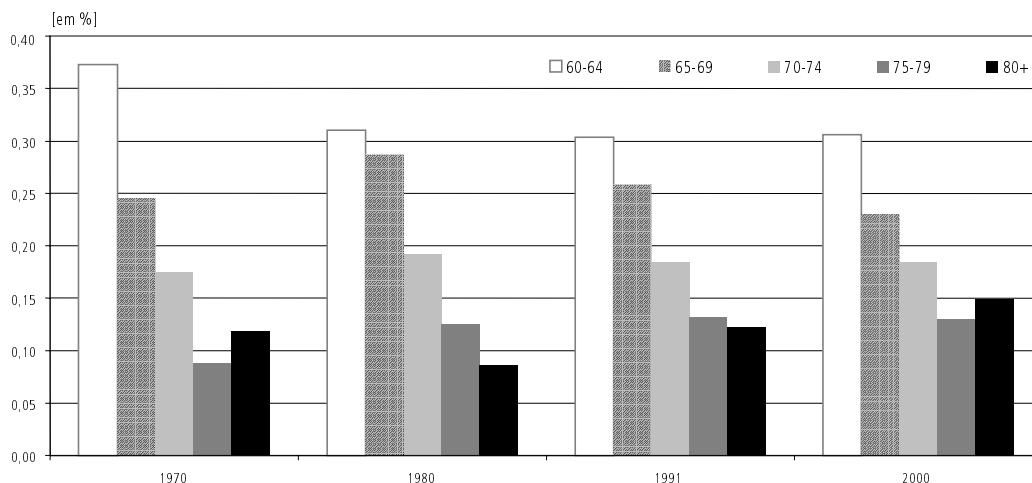
As mulheres predominam nos vários tipos de fluxos. Constituem 54% dos emigrantes nordestinos que se dirigem preferencialmente à região Sudeste, quase 2/3 do fluxo. Entre os imigrantes inter-regionais, 65% do fluxo são constituídos por mulheres. A região Sudeste seguida da Centro-Oeste são as maiores fornecedoras de migrantes para a região, que se localizam preferencialmente na Bahia e no Maranhão. Do total do fluxo intra-regional, quase 42% dirigem-se à Bahia.⁶

Já a distribuição da população idosa pelos vários grupos etários que a compõem é bastante afetada pela idade e apresentou mudanças no período considerado no sentido de um envelhecimento (ver Gráfico 5). Em 1970, 61,8% da população idosa tinham de 60 a 69 anos. Esse percentual se reduziu para 53,3% em 2000. Por outro lado, aumentou a proporção de idosos com mais de 70 anos. Quer dizer, o segmento idoso também está envelhecendo.

Outra característica investigada foi a cor (ver Gráfico 6). Os pardos predominam entre os dois segmentos populacionais, principalmente entre os homens. Os pretos são minoria. As mulheres apresentam uma participação relativamente maior do que os homens entre a população branca, tanto entre jovens quanto entre idosos. Comparados à população jovem, os idosos apresentam uma proporção maior de pretos e os jovens uma proporção relativamente maior de pardos.

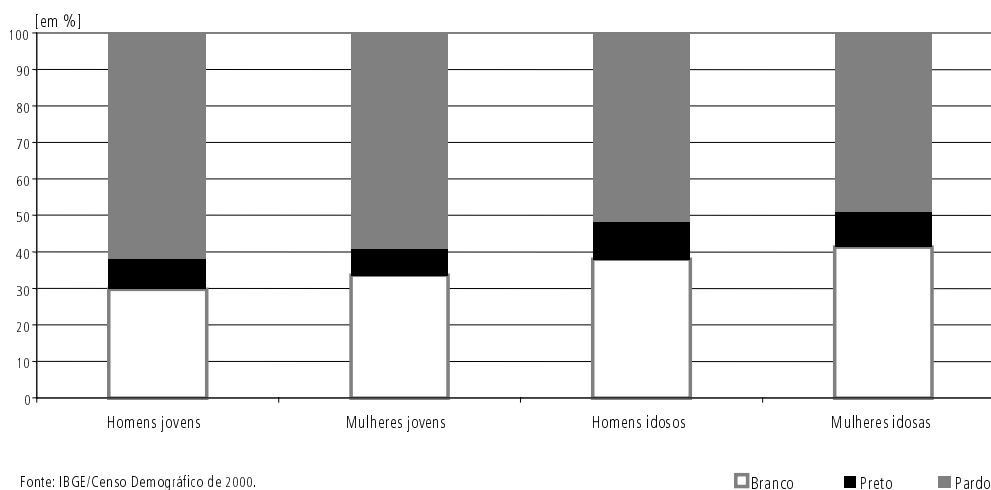
6. Dados não mostrados.

GRÁFICO 5
NORDESTE: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA POR GRUPOS DE IDADE — 1970, 1980, 1991 E 2000



Fonte: IBGE/Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

GRÁFICO 6
NORDESTE: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA SEGUNDO O SEXO E A COR — 2000



Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

A outra variável analisada, que é bastante afetada pela idade e pelo sexo, foi o estado conjugal, (ver Tabela 2). Entre os jovens, predominam os solteiros, especialmente entre os homens. Essa proporção declina com a idade e aumenta a de casados e separados. Entre as jovens de 15 a 19 anos, aproximadamente 20% já tinham se casado, mas 3,8% já eram separadas. As proporções comparáveis para homens foram de 4,8% e 1,0%. De 20 a 24 anos, 44,0% e 9,5% das mulheres eram, respectivamente, casadas e separadas. Nessa idade, 29,3% dos homens permaneciam casados.

TABELA 2
NORDESTE: ESTADO CONJUGAL POR SEXO E GRUPOS DE IDADE — 2000
 [em %]

Faixa etária	Homens				Mulheres			
	Solteiro	Casado	Separado/ desquitado/ divorciado	Viúvo	Solteira	Casada	Separada/ desquitada/ divorciada	Viúva
Jovens								
15 a 19 anos	95,1	3,8	1,0	0,0	79,7	16,4	3,8	0,1
20 a 24	65,3	29,3	5,3	0,0	46,3	44,0	9,5	0,2
Idosos								
60 a 64 anos	3,7	83,3	7,6	5,5	6,8	54,3	18,1	20,8
65 a 69	3,2	81,1	7,7	8,0	7,1	46,6	18,2	28,0
70 a 74	3,0	78,2	7,8	11,0	7,4	38,5	17,4	36,6
75 a 79	3,1	74,3	7,4	15,3	7,9	29,6	18,0	44,4
80 e mais	3,4	62,4	9,1	25,2	9,5	16,0	20,6	53,9

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

Entre os idosos, a proporção de viúvos cresce com a idade e a de casados diminui. Essa tendência é mais marcada entre as mulheres. Aos 80 anos e mais 25,2% dos homens e 53,9% das mulheres idosas eram viúvos. Essa grande diferença se deve, por um lado, à maior mortalidade masculina e, por outro, às maiores chances de recasamento experimentadas pelos homens. A diferença entre os dois sexos na proporção de separados também caminha nessa direção, ou seja, é entre as mulheres, independentemente de serem jovens ou idosas, que se encontram as maiores proporções de separadas. As idosas também experimentaram maior chance que os homens idosos de chegarem à última fase da vida sem nunca terem se casado e de viverem sem um companheiro.

Sintezando, os dados sugerem que as mulheres iniciam o processo de formação de família na sua juventude mais cedo que os homens, definido pela entrada em uma união. Mostram, também, que são elas que saem da união mais cedo que os homens, ou seja, ficam menos tempo nela, pelas separações e divórcios.

4 OS JOVENS E OS IDOSOS NORDESTINOS: O QUE FAZEM E COMO VIVEM?

4.1 ESTUDAM OU TRABALHAM?

De acordo com Simone de Beauvoir, separando os jovens dos velhos, encontra-se o mercado de trabalho: “A sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que ele produz. Sabem-no muito bem os jovens. Sua ansiedade no momento de abordar a vida social é simétrica à angústia dos velhos na hora de serem dela excluídos”.⁷

Embora se esteja assumindo que os dois segmentos estudados sejam bastante heterogêneos, espera-se encontrar uma parte dos jovens na escola preparando-se para

7. Citado em Camarano *et alii* (2003).

o mercado de trabalho e outra já trabalhando. Por outro lado, também se espera que parte dos idosos já deveria ter saído do mercado de trabalho pela aposentadoria e uma parte ainda continue trabalhando. É comum no Brasil que o aposentado continue no mercado de trabalho, bem como os jovens que estudam e trabalham.

A Tabela 3 apresenta a classificação dos jovens nordestinos segundo a sua participação no mercado de trabalho e freqüência à escola por sexo e grupos de idade. Foram consideradas quatro categorias:⁸ só estudam, estudam e trabalham, só trabalham, e nem estudam nem trabalham.⁹ A proporção dos jovens que trabalham cresce com a idade, sendo sistematicamente maior entre os homens. Por outro lado, a idade leva a uma diminuição dos percentuais de jovens que freqüentam a escola. A freqüência à escola é ligeiramente mais elevada entre as mulheres em relação aos homens.

TABELA 3
NORDESTE: PROPORÇÃO DE PESSOAS QUE NÃO FREQUENTAM A ESCOLA E NÃO TRABALHAM POR SEXO E GRUPOS DE IDADE — 2000
[em %]

Faixa de idade	Freqüentam a escola e trabalham	Freqüentam a escola e não trabalham	Não freqüentam a escola e trabalham	Não freqüentam a escola e não trabalham
Homens				
15 a 19 anos	21,5	46,2	17,9	14,5
20 a 24	14,6	12,1	52,5	20,8
Mulheres				
15 a 19 anos	12,3	56,1	8,0	23,6
20 a 24	10,9	17,9	25,9	45,2

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

Também cresce com a idade a percentagem de jovens que não trabalhavam e nem estudavam, sendo esta quase duas vezes mais elevada entre as mulheres. Na verdade, entre as mulheres de 20 a 24 anos, esta é a categoria predominante. Comportamento semelhante foi observado para a média da população brasileira, tendo as proporções mencionadas crescido entre 1981 e 2001 apesar de os jovens brasileiros terem experimentado ganhos relativamente expressivos no número de anos de estudo no período [Camarano *et alii* (2003)].

Entre os jovens nordestinos do sexo masculino, que não trabalhavam e nem estudavam, 83,4% estavam procurando trabalho. A proporção comparável para as mulheres foi de 42,2%. Por outro lado, 51,0% das mulheres jovens que não estudavam e nem trabalhavam já tinham constituído as suas famílias ou seja, eram cônjuges (43,6%) e chefes dos domicílios (7,4%). Além disso, 58,7% já tinham tido filhos. Já 42,2% procuravam trabalho. Em outras palavras, o “não fazer nada” para os

8. A decomposição do grupo jovem por essas categorias já foi feita, em outros trabalhos, por Camarano *et alii* (2001 e 2003).

9. Entre os que não trabalham estão incluídos os que procuram trabalho [fazem parte da população economicamente ativa (PEA)] e os que não trabalham e não procuram trabalho.

homens parece estar associado à falta de trabalho e, para parte das mulheres, à constituição mais cedo da família.¹⁰

Para avaliar o que fazem os idosos, esses foram classificados quanto a estarem participando do mercado de trabalho e a ser ou não beneficiário da Seguridade Social. Por analogia, foram consideradas as seguintes categorias: apenas trabalha, é apenas beneficiário, trabalha e é beneficiário, não trabalha e não é beneficiário segundo grupos quinquenais de idade e sexo. As proporções por essas categorias estão mostradas na Tabela 4.

TABELA 4
NORDESTE: PROPORÇÃO DE PESSOAS QUE RECEBEM BENEFÍCIOS DA SEGURIDADE SOCIAL POR SEXO E GRUPOS DE IDADE — 2000

Faixa de idade	Beneficiário e trabalha	Beneficiário e não-trabalha	Não-beneficiário e trabalha	Não-beneficiário e não trabalha
Homens				
60 a 64 anos	26,4	31,9	31,0	10,7
65 a 69	31,5	51,2	11,6	5,7
70 a 74	27,8	67,3	2,8	2,1
75 a 79	20,9	76,2	1,4	1,5
> 80	10,9	87,1	0,9	1,2
Mulheres				
60 a 64 anos	10,9	59,6	7,3	22,1
65 a 69	8,4	75,4	2,5	13,6
70 a 74	5,6	85,6	0,8	8,1
75 a 79	3,5	90,4	0,5	5,6
> 80	1,6	92,7	0,7	5,0

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

Ser beneficiário da seguridade social é a categoria predominante entre os sexos e grupos etários da população idosa. Como esperado, a proporção de beneficiários cresce com a idade. A partir dos 70 anos, mais de 90% dos homens e mulheres estão contemplados, o que permite concluir pela universalização da Seguridade Social. Isso se deve, em grande parte, à implementação das medidas estabelecidas pela Constituição de 1988, que beneficiou, principalmente, as mulheres residentes na zona rural e, conseqüentemente, na região Nordeste.¹¹ Aproximadamente 10% da população idosa nordestina não trabalhavam e não recebiam benefício da Seguridade Social. Destes, 12% estavam procurando trabalho.¹²

10. Dados não mostrados.

11. Para uma discussão sobre o assunto, ver Camarano (2003), Beltrão, Oliveira e Pinheiro (2000) e Delgado e Cardoso (1999), dentre outros.

12. Dados não mostrados.

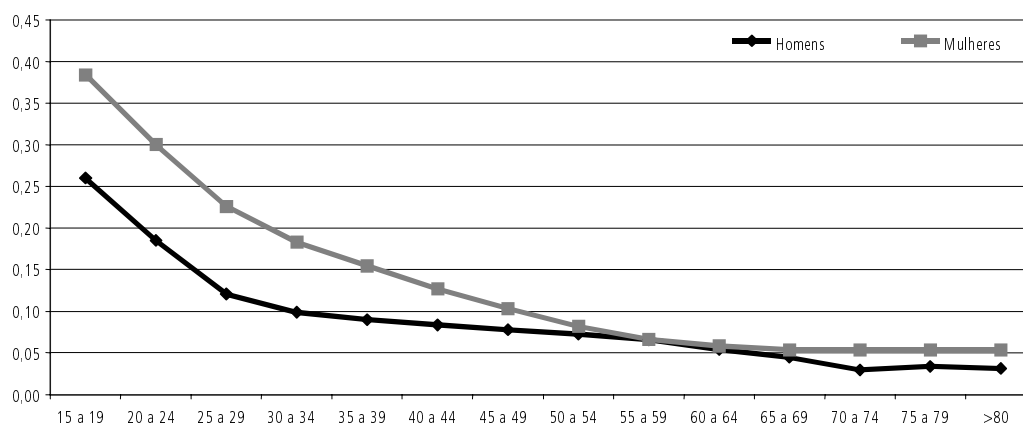
4.2 O TRABALHO

Para os jovens, em especial os do sexo feminino, o trabalho é considerado uma estratégia importante para a sua inserção no mundo adulto. Para os idosos, em especial os dos sexo masculino, também é uma forma de integração social e de fazê-los sentir que ainda estão na vida adulta. Já foi mostrado que para o Brasil como um todo a renda do trabalho do idoso tem um peso importante no orçamento familiar [Camarano (2001) e Wajnman, Oliveira e Oliveira (1999)].

Os jovens brasileiros participam mais do mercado de trabalho do que os idosos, mas apresentam uma taxa de desemprego bem mais elevada. É possível que a população idosa só entre no mercado de trabalho se existir disponibilidade de emprego, até porque uma parte dela já conta com o benefício da Seguridade Social. Dentre o total de jovens, 14,6% procuram trabalho e, dentre os idosos, essa proporção cai para 1,2%.

Como já mencionado, é entre os jovens e, em especial, entre as mulheres que se verificam as mais altas taxas de desemprego (ver Gráfico 7). Para o Brasil como um todo, verificou-se que, entre 1981 e 2001, as taxas de desemprego cresceram em todos os grupos etários e sexos, mas o crescimento foi maior entre os jovens e as mulheres, a despeito dos ganhos na escolaridade de ambos. Entre os jovens do sexo masculino, o maior crescimento nas taxas de desemprego ocorreu para o grupo de escolaridade mais elevada, seguido do grupo com escolaridade mais baixa. Foram as mulheres de escolaridade mais baixa as que experimentaram o maior crescimento nas suas taxas de desemprego [Camarano *et alii* (2003)].

GRÁFICO 7
NORDESTE: TAXAS DE DESEMPREGO DA POPULAÇÃO — 2000



Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

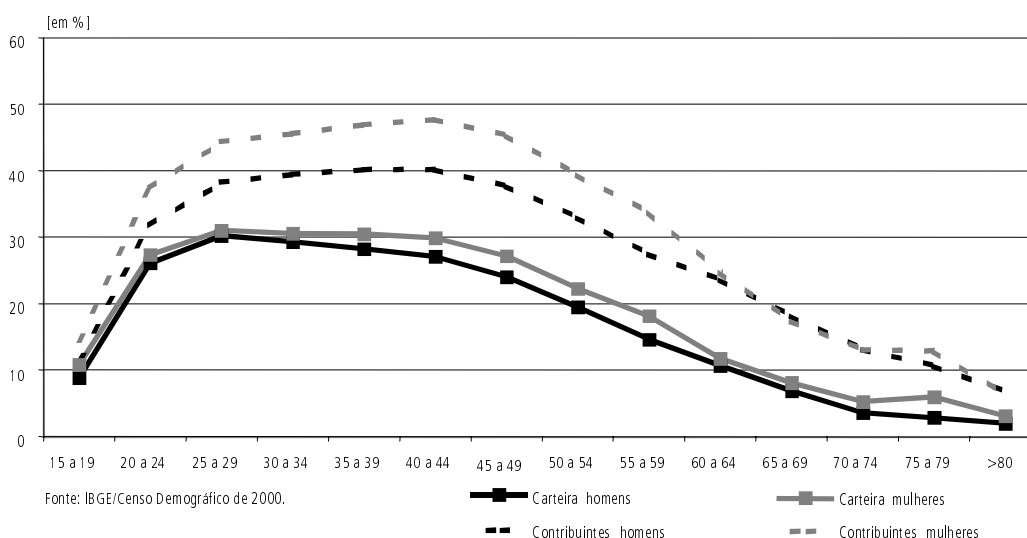
No Brasil como um todo, além de experimentarem taxas mais elevadas de desemprego, foram os jovens os mais atingidos pelos ajustes no mercado de trabalho nas últimas duas décadas, medido aqui por uma informalização maior da sua força de trabalho [Camarano *et alii* (2003)]. No caso nordestino, a proporção da população ocupada com carteira de trabalho assinada é muito baixa entre os jovens de 15 a 19 anos. Por outro lado, a idade não parece afetar a referida proporção do segmento de 20 a 40 anos de nenhum dos dois sexos. No entanto, apesar de ser este grupo etário o

que apresenta a proporção mais elevada, ela não ultrapassa os 30% entre a população de 25 a 29 anos masculina e de 25 a 40 anos feminina, ou seja, a informalização das relações de trabalho parece ser uma característica do mercado de trabalho regional.

A partir dos 45 anos, a proporção de empregados com carteira decresce rapidamente, para ambos os sexos, alcançando menos de 10% da população do grupo etário de 60 a 65 anos. Nesse caso, não necessariamente está se falando de precarização, pois 2/3 da população idosa que trabalha são aposentados.

Como esperado, as proporções de contribuintes para a Seguridade Social são mais elevadas do que as de empregados com carteira, pois estão incluídos aí, também, os autônomos e os funcionários públicos (Gráfico 8), no entanto, são também relativamente baixas. Para os homens, elas atingem o máximo no grupo de 35 a 45 anos, onde se encontram 40% das pessoas dessa faixa etária que trabalham. Para as mulheres, é também nesse grupo etário onde a maior cobertura é verificada, mas ela não atinge 50% das pessoas ocupadas.

GRÁFICO 8
NORDESTE: POPULAÇÃO OCUPADA QUE TEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA E CONTRIBUI PARA A SEGURIDADE SOCIAL — 2000



Essa é uma situação onde os jovens de ambos os sexos encontram-se em uma posição relativamente mais desfavorável. É desfavorável não só no momento atual, como poderá se agravar no futuro quando esses jovens se tornarem idosos. As novas regras do sistema de Seguridade Social irão comprometer a sua aposentadoria, pois o recebimento do benefício está sendo cada vez mais acoplado à contribuição. A aposentadoria por idade requer 15 anos de contribuição e a por tempo de contribuição, 35 e 30 anos para homens e mulheres, respectivamente. Isso irá comprometer seriamente a aposentadoria desses jovens nordestinos se mais mudanças na legislação não forem introduzidas.

Chama-se a atenção no Gráfico 8 para o fato de as mulheres apresentarem proporções mais elevadas de ocupadas com carteira assinada e de contribuírem para a Seguridade Social, o que ocorre em praticamente todos os grupos etários. Essa diferença é menor entre a população jovem e pode ser explicada por um efeito

composição. A atividade agropecuária é predominante entre os homens e o emprego doméstico entre as mulheres.

Quanto ao perfil ocupacional da população jovem e da idosa masculina pode-se falar de um padrão comum, conforme se vê nas Tabelas 5A e 5B. Entre os homens, predominam as atividades agropecuárias. Aí se encontram 35,3% dos jovens e 56,5% dos idosos. O comércio também é outra atividade relativamente importante na absorção de jovens e idosos, acolhendo quase 9% dos jovens e 7% dos idosos.

TABELA 5A
NORDESTE: PRINCIPAIS OCUPAÇÕES ONDE SE ENCONTRAM OS JOVENS E IDOSOS — HOMENS — 2000

Ocupações	Jovens	Idosos
Trabalhadores agrícolas	26,30	30,50
Produtores agrícolas	6,27	23,35
Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	5,44	4,38
Ajudantes de obras civis	3,83	-
Vendedores ambulantes	3,33	3,53
Produtores em pecuária	-	2,66
Trabalhadores na pecuária	2,71	-
Trabalhadores de estruturas de alvenaria	2,10	2,36
Total	49,99	66,78

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

TABELA 5B
NORDESTE: PRINCIPAIS OCUPAÇÕES ONDE SE ENCONTRAM OS JOVENS E IDOSOS — MULHERES — 2000

Ocupações	Jovens	Idosas
Trabalhadoras dos serviços domésticos em geral	27,63	6,41
Trabalhadoras agrícolas	11,45	32,74
Produtoras agrícolas	-	8,84
Vendedoras e demonstradoras em lojas ou mercados	7,81	4,27
Professoras de nível médio no ensino fundamental	5,99	-
Vendedoras ambulantes	3,57	5,81
Secretárias de expediente e estenógrafas	2,74	-
Operadoras de máquinas de costura de roupas	2,45	4,95
Total	61,64	63,01

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

A agricultura também é a grande absorvedora de mulheres idosas ocupadas. Aí se encontram 41,6% dessas mulheres e 11,5% das jovens. O emprego doméstico é a principal atividade das jovens; concentra quase 28% delas. Esse setor é responsável por 6,4% do emprego das idosas. O comércio é uma atividade que ocupa 11,4% e 10,1% das jovens e idosas, respectivamente. Também têm expressão entre as mulheres jovens atividades que exigem uma qualificação relativamente mais elevada, como professoras de nível médio ou fundamental, recepcionistas, secretárias,

auxiliares administrativas e escriturárias. Aí se encontram 13% desse segmento populacional.¹³

4.3 ESCOLARIDADE

No tocante à escolaridade, o Censo Demográfico de 2000 perguntou, apenas para as pessoas que não estavam estudando, o grau do último curso concluído. Isso leva a uma subestimação da proporção de pessoas com curso completo, pois aquelas que concluíram algum grau e continuaram estudando não estão incluídas. Para se fazer inferência sobre a escolaridade da população estudada, utilizou-se o número médio de anos de estudos. Este foi calculado para a população jovem e idosa e está mostrado na Tabela 6.

TABELA 6
NORDESTE: NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESTUDO POR SEXO E IDADE — 2000

Idade	Homens	Mulheres	Total
15-19 anos	4,9	5,9	5,4
20-24	5,5	6,6	6,1
15-24	5,2	6,2	5,7
60 e mais	2,1	2,1	2,1

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

Observa-se uma grande diferença entre o número médio de anos de estudo da população jovem e o da população idosa. Isso permite inferir sobre ganhos expressivos na escolaridade observados no período nos últimos 40 anos e que se fizeram sentir mais sobre a população jovem, principalmente a feminina. As mulheres jovens têm, em média, um ano a mais de estudo que os homens jovens.

4.4 DISPONIBILIDADE DE RENDA

Uma das maneiras tradicionais de se medir qualidade de vida é através do acesso a renda. Embora se esteja consciente das dificuldades de se utilizar renda como *proxy* de qualidade de vida em uma análise comparativa, foram utilizadas as proporções da população jovem e da idosa que ganham até 1/2 e 1 salário mínimo, mostradas no Gráfico 9. Ressalte-se que essas proporções não consideram as necessidades e estruturas diferenciadas de gastos dos dois grupos etários.

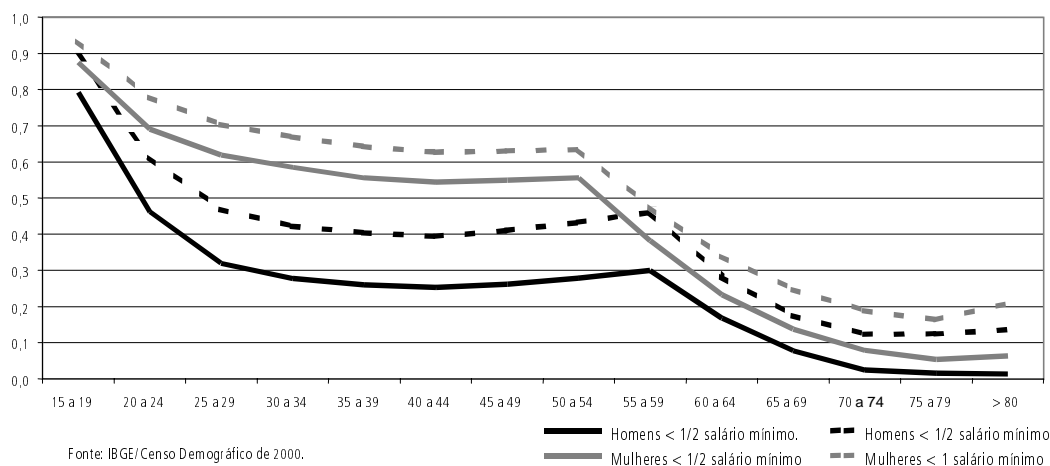
Observa-se que as mais elevadas proporções de jovens e idosos que ganham até 1/2 e 1 salário mínimo são observadas entre os jovens e as mais baixas, entre os idosos. Há uma queda brusca nas duas proporções quando se comparam as referentes às mulheres de 55 a 59 anos com as de 50 a 54 anos e as masculinas dos grupos 60 a 64 anos com as de 55 a 59 anos. Esse é um efeito claro da cobertura dos benefícios da Seguridade Social rural.¹⁴ Como consequência, enquanto 81,4% da população jovem recebiam menos de 1 salário mínimo, a proporção comparável para os idosos foi de 21,6%. Ressalta-se no entanto que, embora a renda dos idosos seja maior em termos

13. Os percentuais restantes encontram-se dispersos entre outras ocupações que, isoladamente, não se mostram expressivas.

14. A idade mínima para requerer o benefício rural é de 55 anos para mulheres e de 60 para homens.

nominais, não se pode afirmar que ela é suficiente para atender às suas necessidades básicas.

GRÁFICO 9
NORDESTE: PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO QUE RECEBE MENOS DE 1/2 SALÁRIO MÍNIMO OU UM SALÁRIO MÍNIMO — 2000



Entre 1981 e 2001, a proporção de idosos nordestinos pobres residentes nas áreas rurais declinou de 64,7% para 35,4% e nas urbanas, de 54,3% para 35,1% [Camarano (2003)]. Já foi bastante comentado, para o Brasil como um todo, o impacto que as aposentadorias, em particular as rurais, desempenham na renda dos idosos e na de suas famílias. Nesse contexto, a universalização da Seguridade Social desempenha uma função de proteção social moderna, que é essencial às sociedades democráticas, resolvendo, de forma pelo menos parcial, a pobreza entre os idosos no país. Isso se contrapõe à capacidade da política social brasileira de resolver a questão da pobreza da população não-idosa.

Além disso, a política de Seguridade Social resulta em uma revalorização das pessoas idosas no espaço familiar, as quais, com o benefício social, podem contribuir expressivamente na subsistência familiar, invertendo o papel social de assistidos para assistentes. Outro ponto salientado é uma questão de gênero: entre os não-idosos, a pobreza é mais elevada entre as mulheres do que entre os homens. Essa situação se inverte quando a população idosa é considerada [Camarano (2003), Barros, Mendonça e Santos (1999) e Delgado e Cardoso (1999)].

5 CONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIA

De acordo com a pesquisa “Juventude, Cultura e Cidadania” da Fundação Perseu Abramo,¹⁵ para os jovens, a fronteira entre o ser e o deixar de ser jovem está relacionada com a constituição de família ou o assumir responsabilidades. Considerou-se que, em 2000, 18,6% dos jovens nordestinos de 15 a 24 anos já tinham constituído a sua família, pois 7,2% eram chefes e 11,4% eram cônjuges. Essa

15. A pesquisa realizou, em 1999, 1.806 entrevistas individuais e domiciliares com jovens de 15 a 24 anos residentes nas nove regiões metropolitanas (Grandes Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG, Salvador/BA, Recife/PE, Fortaleza/CE, Belém/PA) e no Distrito Federal — segmento que corresponde a cerca de 6% da população brasileira ou 9 milhões de jovens.

proporção torna-se ainda mais elevada se se considerar que 5,9% do conjunto de jovens nordestinos eram mulheres que já tinham tido filhos, mas moravam na casa de pais ou outros parentes.¹⁶ Quer dizer, 1/4 dos jovens nordestinos já tinha feito a sua transição para a vida adulta.

Dentre os idosos, 87% eram chefes ou cônjuges, ou seja, tinham a sua própria família e aproximadamente 8% moravam na casa de filhos ou genros e 4,5% com outros parentes. Assume-se que o não ter a sua família, ou seja, ir morar na casa de filhos, genros ou outros parentes, é um indicador de dependência. Isso ocorre na ausência de renda e/ou pela incapacidade física ou mental do idoso de administrar o seu cotidiano. Resumindo, enquanto 3/4 dos jovens nordestinos não tinham ainda constituído suas famílias, 87% dos idosos viviam na sua própria família.

O objetivo desta seção é o de analisar as diferenças na composição das famílias com idosos e com jovens na região Nordeste. A motivação em se conhecer a composição da família onde o jovem e o idoso vivem é por considerá-la como uma inferência do suporte afetivo e material que esses grupos têm e provêm. O fato de compartilhar o espaço físico possibilita o compartilhamento de renda, de cuidados domésticos e médicos, das crianças, transporte etc. Quer dizer, acredita-se que os arranjos familiares afetam e são afetados pelas condições de vida. Embora o trabalho se refira a famílias, a unidade de análise utilizada neste trabalho é o domicílio.¹⁷

5.1 TIPOLOGIA DOS ARRANJOS FAMILIARES

As famílias nordestinas foram classificadas segundo a presença de jovens e idosos. Dos 11,5 milhões de famílias encontradas na região, foram descobertos jovens e idosos em 2/3 delas (Gráfico 10). Os domicílios que tinham jovens e idosos residindo foram divididos em quatro grupos:

famílias de jovens: onde os jovens eram chefes ou cônjuges;

famílias com jovens: que contam com jovens residindo, mas em categorias outras que não chefes ou cônjuges;

famílias de idosos: cujos chefes ou cônjuges eram idosos; e

famílias com idosos: que contam com idosos residindo, mas em categorias outras que não chefes ou cônjuges.

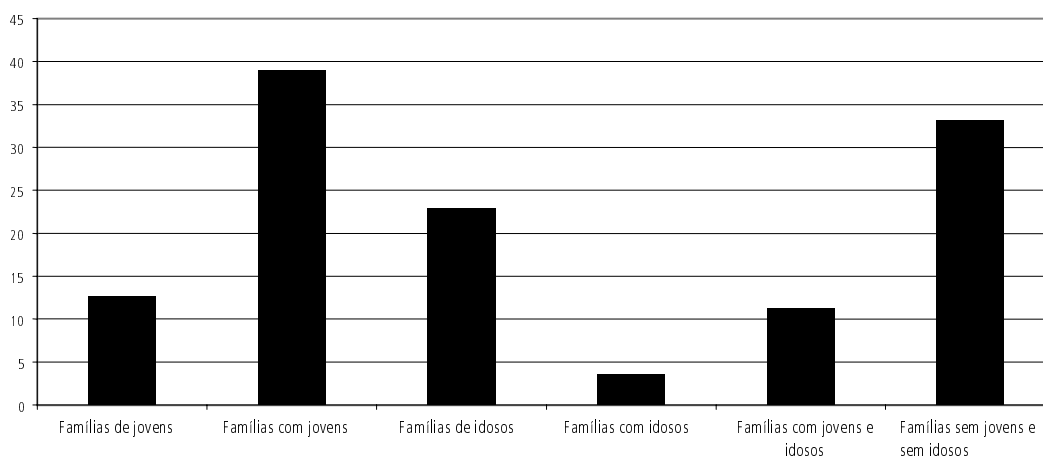
O Gráfico 10 mostra a distribuição das famílias nordestinas pelo tipo de arranjo. A soma excede os 100%, pois algumas categorias de arranjos familiares contêm jovens e idosos; dentre estes, predominam os *com jovens* (39%). Cerca de 25% das famílias *com jovens* são *de idosos*, ou seja, são famílias chefiadas por idosos que têm jovens morando junto. Em 11,2% das famílias nordestinas encontram-se idosos e jovens morando juntos, e, destas, 80% são chefiadas por idosos. Nos 20% restantes predominam famílias com jovens e idosos chefiadas por não-idosos e não-jovens. É insignificante a proporção de idosos morando em *famílias de jovens*. Resumindo, a

16. Dados não mostrados.

17. Isso se deve à definição de família utilizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), cujo conceito aproxima-se muito da idéia de família nuclear. Para uma discussão detalhada sobre os conceitos de família e domicílio, ver Medeiros e Osório (2002).

maioria dos idosos vive nas suas próprias famílias e os jovens, em famílias chefiadas por outros.

GRÁFICO 10
NORDESTE: TIPOLOGIA DOS ARRANJOS FAMILIARES — 2000



Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

5.2 COMPOSIÇÃO E CONDIÇÕES DE VIDA DOS ARRANJOS FAMILIARES

A Tabela 7 apresenta alguns indicadores sobre a composição das famílias estudadas. As maiores famílias são as de idosos e com jovens, que são responsáveis por 10% das famílias nordestinas. São compostas por 5,22 membros entre pais, filhos e netos, ou seja, são tipicamente famílias de três gerações, onde 1/3 dos chefes é composto de mulheres. Os chefes são também os mais velhos e apresentam a mais baixa escolaridade dentre os estudados. A renda média do chefe e a domiciliar *per capita* são as terceiras mais baixas. A renda do idoso contribui com 60,6% do orçamento familiar e a do jovem, com 12,3%. Ressalta-se a importância do benefício social, que é responsável por 45% dessa renda (Tabelas 8 e 9). Aproximadamente 1/3 dos moradores trabalha.

TABELA 7
NORDESTE: COMPOSIÇÃO DOS ARRANJOS FAMILIARES — 2000

Tipos de famílias	Tamanho médio	Média de filhos, enteados	Média de netos	Média de pais, mães, sogros, sogras	Média de crianças menores de 14 anos	Média de jovens	Média de idosos
De jovens e sem idosos	3,33	1,23	0,00	0,02	1,28	1,41	-
De jovens e com idosos	4,50	0,99	0,05	0,70	1,26	1,70	1,07
Com jovens e sem idosos	4,89	3,53	0,37	0,01	3,58	1,46	-
De idosos e sem jovens	2,70	0,70	0,35	0,01	0,50	-	1,38
De idosos e com jovens	5,22	2,12	1,07	0,02	1,04	1,62	1,32
Com idosos e sem jovens	4,01	1,34	0,06	0,62	1,41	-	0,80
Com jovens e com idosos	4,16	1,95	0,25	0,03	1,37	0,89	0,35
Sem jovens e idosos	3,57	1,68	0,05	0,01	1,70	-	-

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

TABELA 8
NORDESTE: CARACTERÍSTICAS DOS CHEFES DOS ARRANJOS DOMICILIARES — 2000

Tipos de famílias	Número médio de anos de estudo	Idade média	Chefes homens (%)	Renda média (R\$)	Rendimento médio familiar <i>per capita</i>	Número médio de pessoas que trabalham
De jovens e sem idosos	4,73	26,20	90,31	257,51	97,96	1,16
De jovens e com idosos	4,99	21,92	77,86	187,22	101,00	1,30
Com jovens e sem idosos	4,33	45,89	70,69	499,19	145,91	2,13
De idosos e sem jovens	2,15	70,46	59,73	391,18	227,42	0,72
De idosos e com jovens	2,10	68,35	66,61	387,06	145,34	1,69
Com idosos e sem jovens	5,65	41,41	66,80	445,61	190,65	1,24
Com jovens e com idosos	3,70	57,75	85,38	457,37	145,34	2,08
Sem jovens e idosos	5,14	38,18	80,00	444,46	165,13	1,21

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

TABELA 9
NORDESTE: COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR POR TIPO DE FAMÍLIA — 2000
[em %]

Tipos de famílias	Renda do chefe na renda domiciliar	Renda do jovem na renda domiciliar	Renda do idoso na renda domiciliar	Renda do benefício social
De jovens e sem idosos	78,55	44,45	0,00	2,82
De jovens e com idosos	40,97	47,38	37,85	35,53
Com jovens e sem idosos	62,32	13,99	0,00	11,37
De idosos e sem jovens	63,38	0,00	74,64	57,05
De idosos e com jovens	52,78	12,34	60,59	44,92
Com idosos e sem jovens	53,21	0,00	27,32	34,00
Com idosos e com jovens	51,93	12,35	41,50	33,98
Sem jovens e idosos	75,02	0,00	0,00	7,12

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 2000.

As segundas maiores famílias são as *com jovens e sem idosos*, caracterizadas pelo grande número de filhos, de crianças menores de 14 anos, inclusive de netos. Quer dizer, parte é formada de famílias de três gerações. Aí residem, em média, aproximadamente dois jovens. São chefiadas por indivíduos com uma idade média de 46 anos, predominantemente do sexo masculino, e com a maior renda média individual (Tabela 8). No entanto, dado o grande número de crianças menores de 14 anos nessas famílias, apesar de se encontrar aí a mais elevada média de pessoas que trabalham e a mais elevada renda *per capita* do chefe, o rendimento médio domiciliar *per capita* situa-se entre os mais baixos. A contribuição da renda do jovem no orçamento familiar é, aproximadamente, 1/5 da contribuição do chefe. Quer dizer, são famílias que dependem, principalmente, da renda do chefe.

Em terceiro lugar, em tamanho, colocam-se as famílias de jovens e com idosos, que são pouco representativas no conjunto das famílias nordestinas seguidas das com idosos e sem jovens. O primeiro grupo é formado por famílias cujos chefes são muito

jovens, com idade média inferior a 22 anos, predominantemente masculinos e uma renda média baixa. Na verdade, são esses chefes os que apresentam a mais baixa renda. A renda média domiciliar *per capita* está, também, entre as mais baixas, apesar de o idoso estar contribuindo com 37,8% do orçamento familiar (Tabela 9). É baixo o número de pessoas que trabalham. Esse também é um arranjo típico de famílias de três gerações. São compostas por chefes, cônjuges, pais e filhos. Encontram-se aí, em média, 1,7 jovem e 1,1 idoso.

As famílias com idosos e sem jovens e aquelas com idosos e com jovens são também famílias cujo tamanho médio ultrapassa quatro pessoas. Constituem também, em média, famílias de três gerações. São os chefes mais escolarizados, no primeiro caso, e com uma renda média das mais elevadas. O rendimento médio domiciliar *per capita* é mais elevado nas famílias que não têm jovens. Nas que contêm, a renda familiar depende mais da renda do idoso e, conseqüentemente, do benefício social (Tabelas 8 e 9).

Medindo pelo rendimento médio domiciliar *per capita*, pode-se dizer que as famílias em melhores condições são as *de idosos e sem jovens*. São também as menores famílias, 2,7 pessoas, e onde se verifica a maior proporção de chefes femininos e mais velhos. No entanto, mesmo sendo famílias menores, a presença de filhos e netos é registrada, ou seja, são também famílias de três gerações. As melhores condições de vida não estão associadas nem a uma alta escolaridade do chefe nem a um número elevado de pessoas que trabalham e nem à chefia masculina, condições que, em geral, se verificam para famílias com não-idosos. Parece que elas são resultado do recebimento do benefício da Seguridade Social.

As famílias em piores condições de rendimento são as de jovens e sem idosos. Essas são predominantemente famílias chefiadas por homens e constituem-se em famílias de duas gerações. O seu baixo rendimento deve estar associado à baixa renda do chefe, o que deve refletir o seu momento no ciclo de vida e ao pequeno número de pessoas na família que trabalha. É bastante alta a dependência dos membros dessas famílias da renda do chefe.

Sintetizando, parece que a co-residência de idosos e jovens é uma estratégia familiar importante de suporte, provavelmente mais de apoio aos jovens do que aos idosos. Famílias de três gerações conviventes parecem ser um arranjo familiar expressivo na região, onde a renda do idoso aporta uma contribuição importante. Essa situação deve ser considerada tendo como pano de fundo as transformações pelas quais passa a economia brasileira e nordestina, levando a que os jovens estejam experimentando grandes dificuldades na sua inserção no mercado de trabalho, o que tem repercutido, dentre outras formas, nas altas taxas de desemprego, violências de várias ordens, criminalidade, separações, gravidezes precoces etc.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi visto, parece que se pode dizer que os idosos nordestinos estão em melhores condições de vida do que os jovens e que estão desempenhando um papel importante de suporte a esse último grupo.

Em 2000, 75% dos jovens nordestinos não tinham ainda constituído suas famílias e 87% dos idosos viviam na sua própria. Idosos e jovens convivem em aproximadamente 40% das famílias nordestinas. A grande maioria delas é chefiada por idosos e uma parcela não-desprezível é composta de famílias de três gerações.

Não se sabe, no entanto, se do ponto de vista dos membros co-residentes os arranjos familiares predominantes estão refletindo as suas preferências ou se são resultado de uma solidariedade “imposta”. Esta pode ser resultado de pressões econômicas, sociais e/ou de saúde, seja da parte dos idosos ou da parte de seus filhos. O mesmo se passa com os demais membros da família. Esse é um ponto importante a ser considerado porque pode ser um elemento desencadeador de insatisfação e violências domésticas.

Dificuldades de inserção no mercado de trabalho que garanta uma renda para os jovens aliadas ao recebimento do benefício da Seguridade Social são fatores que explicam essa alta incidência de co-residência. O peso da renda dos idosos no orçamento dessas famílias é expressivo, em que se destaca a importância da renda do benefício social. Nesse caso, pode-se pensar em uma inversão da relação de dependência e em uma associação entre arranjos familiares e condições de vida, onde a política previdenciária tem desempenhado um papel importante. Pensa-se também que isso traz uma revalorização do idoso dentro da família, possibilitando, também, uma troca de cuidados entre as duas gerações.

As melhores condições de vida dos idosos não são resultado apenas da ampliação da cobertura da seguridade social. Eles experimentaram a maior parte da suas vidas ativas num momento mais favorável da economia brasileira e nordestina, tiveram um emprego estável, um casamento estável, acesso a casa própria através de financiamentos com o Banco Nacional da Habitação etc. Quer dizer, viveram em um mundo de estabilidade.

Ao contrário, parece que parte dos jovens nordestinos vive em um mundo de instabilidade. Participa mais do mercado de trabalho do que os idosos, mas apresenta uma taxa de desemprego bem mais elevada e um maior grau de informalização, a despeito de uma escolarização maior. As relações afetivas são muito mais instáveis do que foram as de seus pais. Isso tende a aumentar o tempo com que passam como dependentes dos seus pais, na maioria, idosos. Essa é uma situação desfavorável não só no momento atual, mas que se poderá agravar no futuro quando esses jovens se tornarem idosos.

Assume-se que a qualidade de vida dos idosos depende das suas capacidades básicas, de sua trajetória de vida e/ou pela sua facilidade/dificuldade de acumulação de capital humano, social e financeiro nos estágios anteriores da vida e das condições sociais e ambientais enfrentadas na última fase. Nesse último caso, as políticas públicas desempenham um papel importante.

É muito provável que grande parte dos jovens nordestinos não cumpra os requisitos para o recebimento de uma aposentadoria na fase final de suas vidas se medidas de incorporação desses jovens no sistema de proteção social não forem tomadas no curto/médio prazo. Essas medidas deveriam se iniciar por uma forma de

absorção no mercado de trabalho que lhes garanta alguma estabilidade de renda durante a sua vida adulta/ativa e quando da perda da capacidade laborativa.

Do ponto de vista familiar, também é difícil prever que eles atingirão a última fase da vida com uma família constituída para apoiar e ser apoiada. Para pensar no velho de amanhã, há que se levar em conta, também, a queda generalizada da fecundidade em toda a região, o aumento da participação das mulheres (a tradicional cuidadora dos segmentos dependentes da família) nas atividades econômicas bem como as mudanças expressivas nos arranjos familiares (separações, coabitação, aumento da proporção de mulheres que nunca se casaram e/ou que nunca tiveram filhos). Pode-se esperar que um declínio na co-residência e em outros apoios familiares resulte em um aumento da demanda por determinadas políticas sociais. Considerando a tendência em curso do Estado de reduzir as suas atividades de proteção social, o futuro do velho de amanhã não parece promissor. Pergunta-se também, se a falta de perspectivas para o velho de amanhã pode afetar o jovem de amanhã?

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, R. P. de, MENDONÇA, R., SANTOS, D. Incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 221-250, 1999,
- BEAUVOIR, S. de. *A velhice*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELTRÃO, K. I., OLIVEIRA, F. E. B. de, PINHEIRO, S. S. *A população rural e a previdência social no Brasil: uma análise com ênfase nas mudanças constitucionais*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- BERCOVICH, A. A., MADEIRA, F. *Descontinuidades demográficas no Brasil e no Estado de São Paulo*. VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: Abep, 1990.
- CAMARANO, A. A. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 19-71, 1999.
- _____. *O idoso brasileiro no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001 (Texto para Discussão, 830).
- _____. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, p. 35-64, 2003.
- CAMARANO, A. A., EL GHAOURI, S. K. Idosos brasileiros: que dependência é essa? In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 281-306, 1999.
- CAMARANO, A. A. et alii. Os jovens brasileiros no mercado de trabalho. *Mercado de trabalho: conjuntura e análise*. Rio de Janeiro: IPEA/Ministério do Trabalho/Anpec, 2001.
- _____. A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios? *Boletim de Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 53-66, 2003.
- DEBERT, G. G. *Envelhecimento e curso da vida: dossiê gênero e velhice*. Rio de Janeiro, 1997, p. 141.

- _____. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.
- DELGADO, G. C., CARDOSO, J. C. O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 319-343, 1999.
- DÍAZ, J. P. La feminización de la vejez. *Revista Catalina de Sociologia*, Centre d'Estudis Demografics, 2000.
- GOLDANI, A. M. Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gênero. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 75-114, 1999.
- HELP AGE INTERNATIONAL. *The ageing and development report. Poverty, independence and the world's older people*. Earthscan, London, 1999.
- LASLETT, P. What is old age? Variation over time and between cultures. *International studies in demography: health and mortality among the elderly, issues for assessment*. New York: Oxford University Press, 1996.
- LLOYD-SHERLOCK, P. *Ageing, development and social protection: a research agenda*. UNRISD Meeting on Ageing, Development and Social Protection, 2002.
- MEDEIROS, M., OSÓRIO, R. *Mudanças nas famílias brasileiras: a composição dos arranjos domiciliares entre 1978 e 1998*. Brasília: IPEA, 2002 (Texto para Discussão, 886).
- MELLO, J. L. *et alii*. *Como chegar à vida adulta: será que existe um caminho único?* Trabalho a ser publicado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu-MG: Abep, 20 a 24 de setembro de 2004.
- NOGALES, A. M. V. A mortalidade da população idosa no Brasil. *Como Vai? População Brasileira*, Brasília: IPEA, ano III, n. 3, p. 24-32, dez. 1998.
- WAJNMAN, S., OLIVEIRA, A. M. H. C. de, OLIVEIRA, E. L. A atividade econômica dos idosos no Brasil. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p.181-220, 1999.